

ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA, REFLEXÕES...

Andréa Mochiutti Girardi (G- UNIPAR)
 Cristiane Fabiano da Silva (G- UNIPAR)
 Lindozana Rocha de Souza (G- UNIPAR)
 Lucia Margarete Barzague (G- UNIPAR)
 Sandra Maria de Azevedo Soares (G- UNIPAR)
 Sara Cristina Bordim Crespo (G- UNIPAR)
 Sueli Garanhani Bonadio (UNIPAR)

Resumo: Foi observado, no breve contato que tivemos ao observar crianças em fase de alfabetização, a existência de uma concepção confusa sobre os objetivos básicos que norteiam o trabalho escolar de alfabetizar crianças. Isso, obviamente nos acarreta sentimentos de dúvidas e insegurança quanto à forma mais eficaz de alfabetizar. E, sabendo que este é um momento equiparável na vida da criança, é que optamos por este tema, não tanto como uma pesquisa, mas sim como uma reflexão sobre a metodologia a ser desenvolvida, pois ainda é comum depararmos com professores que vêem nas salas de alfabetização, um espaço físico, onde apenas se deve ter o compromisso de apenas ensinar a criança a ler, escrever e fazer contas, sem a preocupação de também formá-lo como cidadão.

Palavras-Chave: Alfabetização, criança, professor, metodologia, cidadão.

Abstract: It was thinking about the brief contact that we had when observing in alphabetization stage, that we notice the existence of a confused conception on the basic objectives that nortean the pertaining to school work of alphabetization children. This obviously causes feelings of doubts and unreliability how much the form most efficient of alphabetization. And, knowing that this is a equate moment in the child's life, that's why we opt to this subject, not in such a way as research but as a reflection about the methodology to be developed, therefore, is common to come across with teachers whom they see in the alphabetization ways, a physical space, where the commitment must be had to teach the child to read, to write and only to make accounts, without the concert of it forms it as citizen.

Key Words: Alphabetization, children, teacher, methodology, citizen.

Introdução

Para muitos educadores, o processo de alfabetização ainda é um mistério. Erros são cometidos em nome do desconhecido. Ao constatarem-se tantas dúvidas, buscou-se em diversas fontes de informações, como transformar a sala de aula de alfabetização, em um espaço onde o que se busca é o compromisso com o pequeno – aluno- cidadão.

Sabemos que ainda é grande a evasão escolar no Brasil, mesmo com o compromisso assumido pelo Plano Decenal de Educação na C.M.E. em 1990.

A partir das exigências da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, e, com a nova LDB(1996), houve alguns avanços, com novas propostas curriculares, de investimentos na capacitação dos professores, e maior autonomia das escolas, principalmente na elaboração de sua proposta pedagógica. Contudo, ainda é necessário um esforço coletivo, seja do governo ou da comunidade escolar...

na inovação de uma prática revolucionária, sobretudo quanto à Alfabetização, função primordial da escola.

Não se pode mais limitar a alfabetização a um simples ato de ensinar a soletrar e a assinar, mas sim, ao conceito de leitura como um ato individual, ou seja, interação do autor/texto/leitor; leitura e escrita como formas fundamentais de integração da criança, permitindo-lhe ser um cidadão. O domínio da linguagem oral e escrita é um direito do cidadão e uma das formas mais eficazes de inclusão na sociedade letrada. É esse o conceito de alfabetização que pensamos e desejamos que seja acessível a todos.

Um novo paradigma de Alfabetização

Freire e Macedo (1990) propõem a alfabetização como “ a relação entre o educando e o mundo, mas sempre mediada pela prática transformadora deste mundo”. Para ambos, a linguagem escrita deve partir do esforço coletivo através de um significado social, possibilitando ao sujeito ampliar seu conhecimento do mundo e do tempo em que está inserido. Portanto, para eles, tem que haver uma relação significativa, para que se possa viver numa sociedade.

Para que haja sucesso na alfabetização, faz-se necessário que a escola seja rica em estímulos que venham provocar atos de leitura e escrita, mas que proporcione à criança a apropriação de seu uso social, e que também forneça elementos que a desafie a pensar sobre a língua escrita.

Emília Ferreiro (1992) diz que: “ as crianças são facilmente alfabetizáveis; os adultos é que dificultam o processo de alfabetização para elas”. Portanto, segundo ela, toda criança matriculada na escola regular é capaz de aprender a ler e tem o direito de fazê-lo com sucesso. Cabe à escola aproveitar do conhecimento espontâneo que a criança traz sobre a língua escrita, decorrentes das informações recebidas do mundo letrado. O trabalho de alfabetização deve ser iniciado com o diagnóstico dos conhecimentos prévios, os quais serão os referenciais para as atividades propostas em sala de aula.

A alfabetização ressignificada

Hoje, a alfabetização é concebida como uma construção de conceitos, o que vai implicar na criança em descobrir como é possível, com um determinado número de letras (o alfabeto), representar um infinito número de palavras.

Mais uma vez podemos lembrar, Emília Ferreiro (1987), quando fala que “as mudanças são necessárias para enfrentar as novas bases de alfabetização inicial, que não se resolvem com um novo método de ensino.... É preciso rever as práticas de introdução da língua e os pressupostos subjacentes a elas”. Portanto, a língua escrita nada mais é do que um sistema com dois processos: ler e escrever. Na aprendizagem de ambos os processos, a criança vai percorrer um longo caminho, passando por etapas evolutivas de elaboração.

O conhecimento destas etapas ou porque não dizer estágios, é de suma importância para que os professores possam organizar atividades, as quais devem ser bem fundamentadas. Também cabe ao professor intervir oportunamente na interação da criança com a escrita, levando-a a perceber a estrutura combinatória da língua. Desta forma, muda-se o enfoque da formação do professor

como alfabetizador de: “ como se ensina, de que método utilizar e como se aprende”.

Basicamente , há três descobertas que a criança precisa fazer e que deveria ser o objetivo principal da alfabetização escolar: Para que serve a escrita? O que representa? Como funciona? As respostas a estas perguntas não podem ser simplesmente passadas às crianças, estas, sim, descobrirão ao interagir com uma variedade de textos, no ambiente em que vivem, podendo ser através de cartazes, letreiros, anúncios, rótulos, embalagens, receitas, bulas, revistas, catálogos, enfim , existe uma infinidade de situações concretas em seu cotidiano que possibilitarão o conhecimento e a utilização da escrita funcional. E , é esta interação da escrita como sistema de representação que permite que a criança amplie as possibilidades de comunicação interpessoal. Portanto, a leitura limitada do livro didático, como a cartilha, que propõe textos sem significado, elimina aos poucos dois fatores indispensáveis à aprendizagem , que são: o desejo de ler e a curiosidade nata quanto ao objeto de conhecimento.

Alfabetização no cotidiano escolar - Metodologia

As pesquisas realizadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a psicogênese da língua escrita vem relatar que esta se constrói em três níveis evolutivos :

1. Nível silábico: fase em que a criança ainda não estabelece relações entre a escrita e a pronúncia. Ela expressa sua escrita através de desenhos, rabiscos e letras usadas de forma aleatória, sem repetição e com um critério de no mínimo três. O professor deve usar na escrita a letra de imprensa maiúscula (de forma ou bastão), pois esta favorece a percepção das unidades sonoras e diminui as dificuldades psicomotoras. A alfabetização deve ser iniciada com palavras significativas para a criança, e não através de sílabas repetidas. Como atividades, o professor pode iniciar pelos nomes dos alunos escritos em crachás, listados no quadro , em cartazes, para identificação do próprio nome e depois o de cada colega; classificar os nomes pelo som inicial ou por outros critérios; organizar os nomes em ordem alfabética ilustradas com retratos ou desenhos; criar jogos com os nomes; fazer contagem das letras e confronto dos nomes; confeccionar gráficos de colunas com os nomes seriados em ordem de tamanho(número de letras). Fazer estas mesmas atividades utilizando palavras do universo dos alunos: rótulos de produtos conhecidos ou recortes de revistas(propagandas, títulos, palavras conhecidas).

2. Nível silábico: a criança já descobre a lógica da escrita, percebe a correspondência entre a representação escrita e a propriedade sonora das palavras. O professor provocará o conflito que vai possibilitar intervenções e atividades que ajudem a criança, facilitando a hipótese alfabética. Poderão ser realizadas atividades como: fazer listas e ditados variados(de alunos ausentes/presentes, livros de histórias, ingredientes para uma receita, nomes de animais); usar de jogos e brincadeiras (forca, cruzadinhas, caça palavras); organizar supermercados, propôr atividades em duplas (um dita e outro escreve), para reescrita de canções, parlendas, trava línguas...

3. Nível alfabético: a criança já tem capacidade de compreender a organização e o funcionamento da escrita, percebendo a emissão sonora (sílabas), representando na escrita com uma ou mais letras. O professor deve explorar

as brincadeiras do faz de conta, de imitação; a observação de uso de símbolos vivenciados no contexto social (bandeiras, escudos, logomarcas, sinais de trânsito.); atividades de desenho e de linguagem oral (dramatizações, reconto de histórias, roda de notícias, hora da novidade). Para superar o realismo nominal , desvinculando a palavra falada do objeto por ela representada, podem ser realizadas atividades como: lista de absurdos, frutas, animais, pessoas e objetos pequenos de nome grande e vice-versa. Quanto ao desenvolvimento e flexibilidade do raciocínio: utilizar de quebra- cabeças, jogos de montar. Na discriminação de sons, listagem de palavras que começam e terminam com o mesmo som, fazer rimas, descobri-las em poemas e canções; organização dos nomes dos colegas e de outros conjuntos de palavras que começam com a mesma letra. No reconhecimento da letras como símbolos dos sons referentes à fala: atividades variadas e criativas de identificação/discriminação das formas das letras. Para identificar as palavras/sentença: proporcionar leitura e escrita de pequenos textos familiares, contando o número de palavras, separando-as com traços coloridos, marcando as palavras que repetem...

Entretanto a sistematização de todo processo de alfabetização não termina no nível alfabético, é relevante que a sistematização de todo processo de alfabetização se dará ao longo dos anos, à medida em que o aluno adquire segurança com contato contextualizado e significativo com a língua escrita, sua leitura vai tornando-se mais fluente e compreensiva.

Conclusão

A alfabetização tem sido uma questão bastante discutida por aqueles que de alguma forma se preocupam ou mesmo que trabalham com a educação, e, o que temos observado sempre são as mesmas dificuldades: que metodologia usar ? Qual a mais correta? O que ensinar ? E como ensinar crianças em fase de alfabetização? É notório que este é um momento único e especial da criança.

Em nossas pesquisas, nos amparamos nos conhecimentos apresentados pela concepção construtivista, surgida em meados da década de 80, com base nos estudos realizados principalmente pela a educadora argentina Emília Ferreiro e também na fala de Paulo Freire quanto à maneira de alfabetizar. Ambos têm uma linha de pensamento semelhante quanto as competências e habilidades necessárias a alfabetização, quando falam numa mesma linguagem que aprender a ler e a escrever exige capacidades básicas, que as crianças desenvolvem espontaneamente, mas que devem ser reforçadas pela escola por meio de atividades que levem este aluno a desenvolver-se na sua interação social, sempre em contato direto com um material de leitura farto, variado e principalmente significativo. A evolução do aluno pode ser facilitada pela atuação do professor, sempre atento às necessidades de cada aluno. Emília Ferreiro é bem categórica quando fala de uma metodologia , que venha permitir que o aluno confronte sua hipótese de escrita com a forma padrão, adquirindo segurança para sua aprendizagem em todo processo de alfabetização, considerado por ela, um processo longo.

Vimos também que em 1996, essa linha de ensino foi institucionalizada no Brasil, a partir da publicação dos PCNs. No entanto, ao longo da sua implantação surgiram

alguns desencontros entre a teoria e a prática. O primeiro foi a falta de preparo e resistência de muitos professores para lidar com a nova situação. Esses, por sua vez põe a culpa no sistema, reclamam que o construtivismo é incompatível com os métodos tradicionais. Isso porque a teoria prega, entre outras coisas, que nas séries iniciais, o importante é que a criança exercite a escrita a seu modo e somente numa etapa mais avançada é que se passa a introduzir conhecimentos ortográficos e gramaticais.

Hoje, sabemos que os alunos já não vêm à escola em busca de um processo de alfabetização em que apenas se aprenda ler e escrever, isto já não representa avanços em relação às demandas sociais e culturais da sociedade contemporânea e letrada. É necessário saber fazer uso social da leitura e da escrita em seu cotidiano de forma lógica, reflexiva e criativa, e, é isto que fala Emília Ferreiro e Paulo Freire na maioria de seus livros, para ambos é esse o novo processo e produto social dessas práticas chamadas de letramento. Para tanto, é necessário que esse processo exija uma reformulação das instituições de ensino acerca do que ensinar e de como ensinar, considerando que muitas de nossas crianças desde pequenas têm contato com a leitura e a escrita, respeitando-as, como criança enquanto ser inteligente, ativo e criador, que pensa sobre o que a escrita representa e como funciona.

Cabe à educação escolar ampliar e organizar esses conhecimentos prévios para que possa permitir o acesso a informações necessárias ao pleno desenvolvimento da cidadania

Referências

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 2. ed. S. Paulo: Cortez, 1987.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.